
O GINÁSIO PERNAMBUCANO DOS ANOS 80: DO ACESSO AO IMAGINÁRIO OTIMISTA QUANTO AOS PODERES DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Luciana Justino de Almeida Silva de Santana
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
lucianajdealmeida@gmail.com

Introdução

A escola enquanto instituição social abriga em seu contexto ideologias construídas ao longo da história por determinados grupos de indivíduos. Desde sua criação até a sua consolidação quando passou a assumir um caráter de escola universal que atendesse a todos sem distinção, tornando-se cada vez mais um elemento fortemente associado aos ideais políticos, econômicos e sociais.

Essa universalização dos sistemas de ensino colocou a educação escolar, como um fator responsável pela aquisição de saberes capazes de transformar a vida de sociedades. O acesso à escola passou a estabelecer uma forma de controle social, através dos processos de escolarização, que demandaram novos papéis na formação de indivíduos tecnicamente capazes de viabilizar o desenvolvimento, de acordo com as necessidades de um novo modelo industrial.

Uma breve análise da história da educação, particularmente da escola pública, permite observar que, com a ampliação do acesso, a uma instituição que até recentemente era frequentada por alguns privilegiados, as expectativas quanto aos poderes da educação escolar em transformar para melhor a vida de pessoas e de sociedades aumentaram. O advento da universalização delegou para a escola um papel democrático ou democratizador. Com isso, a escola passou a ser vista como algo natural, uma instituição ao alcance de todos.

Nessa perspectiva de abordagem sobre a massificação do ensino público o presente estudo discute o imaginário otimista em relação aos poderes transferidos a uma instituição que por muito tempo representou o ensino público de excelência em Pernambuco. Tratamos esse imaginário enquanto objeto da história de um passado muito recente “a década de 1980”, período em que essa instituição passou a ser

acessível também às classes populares e que de acordo com alguns professores já não carregava o mesmo prestígioⁱ.

Diante dessa positividade intrínseca da escolarização fazemos o seguinte questionamento: é possível averiguar através da análise e da reconstrução da memória do processo de democratização do ensino associado a ideia de ascensão social no caso específico de um estabelecimento de ensino – o **Ginásio Pernambucano** – se, o processo de escolarização de seus alunos (as) na década de 1980 traçados a partir de um imaginário otimista de que o fato de frequentar uma instituição que representou durante muitos anos o ensino de excelência no estado de Pernambuco, contribuiu para alimentar a crença de que estudar ali significava garantia de sucesso no futuro?

O interesse por esse tema surgiu a partir do conhecimento de que ao final dos anos 1970 e início dos anos de 1980 o Ginásio Pernambucano começa a se tornar acessível às classes populares da sociedade e, de acordo com alguns professores, o acesso massificado contribuiu para o declínio da instituição. Nessa reflexão, esperamos compreender a partir dos relatos de memórias de ex-alunos(as), um imaginário lançado sobre uma escola pública estadual, que outrora fora seletiva e que guardava em torno de si a ideia da formação de uma elite diferenciada.

A proposta metodológica constitui aspecto fundamental no trabalho científico, e, de acordo com Gil, “nesta parte, descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa e, com isso, sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada pesquisa”. (GIL 2002, p. 162).

Para cumprir as etapas da pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico acerca da história da educação no Brasil, mais precisamente sobre os elementos que contribuíram para o processo de universalização dos sistemas de ensino. Fizemos também um estudo acerca do contexto histórico do Ginásio Pernambucano, que serviu como suporte para a análise de alguns dados coletados até o momento.

Para coletar os dados da pesquisa, escolhemos a entrevista por representar um instrumento básico para a coleta de informações, pois:

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (LUDKE; ANDRÉ, 1988, p. 26).

No caso específico da escolha da entrevista, há a possibilidade dos sujeitos expressarem através dos relatos de memória os seus pensamentos e reflexões sobre o tema apresentado, o que propiciará uma análise quantitativa e especificamente qualitativa do discurso. Pois, na visão de Montenegro “[...] a memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos”. (MONTENEGRO 1992, p. 56). Dessa forma, saber o que revelam as memórias dos egressos (as) do Ginásio Pernambucano nos conduzirá a uma forma de compreender o que representam tais mentalidades.

Pois, a História Oral vem assumindo um local de destaque no que se refere à reconstrução de determinados aspectos da história de vida dos indivíduos. Esses aspectos corroboram com Teixeira e Praxedes ao afirmarem que a História oral:

[...] está centrada nos sujeitos, nos indivíduos, em suas narrativas do vivido, da experiência e da história. Ela busca suas reminiscências, suas lembranças e também seus esquecimentos. E neles, as interpretações, os sentidos atribuídos, os conhecimentos gerados. Por este motivo, a memória se torna uma de suas vigas mestras. Deste modo além de chegar ao que está ausente, não raro, deliberadamente esquecido nas fontes oficiais, nos conhecimentos hegemônicos, ela desce ao porão. Vai ao subsolo em busca do não dito e das interdições, ultrapassando o discurso instituído, os textos oficiais, os conhecimentos dito científicos. Ela reúne, reconhece e legitima como conhecimento, interpretações e discursos outros, de outros sujeitos e lugares, à procura de sistemas de significação e de leituras diversos, plurais. (TEIXEIRA e PRAXEDES 2006, p.158).

Ainda de acordo com as autoras outro aspecto de grande relevância nas pesquisas que utilizam as lembranças e a reinterpretção dos acontecimentos e das experiências vividas é o encontro entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Para as autoras, trata-se de:

[...] uma relação intersubjetiva entre sujeitos que falam e ouvem, que sentem, que pensam, unindo ciência e afeto, razão e emoção. Nesta relação cabe ao pesquisador a busca da informalidade, da espontaneidade e da confiança dos sujeitos que lhe emprestam suas vidas e histórias; pessoas que lhe confiam suas lembranças, seus sentimentos, seus pensamentos; suas dificuldades, seus sonhos e quimeras. Trata-se de um encontro entre sujeitos, com diferentes registros culturais e temporais, que exige do pesquisador um permanente “exercício da alteridade”, de inflexão, e uma fina escuta, que permita um diálogo sensível e fecundo. (TEIXEIRA e PRAXEDES 2006, p. 159).

A partir dessa prática, o sujeito ressignifica o que viveu, viu e protagonizou, durante uma etapa de sua vida. Com isso, eles se tornam sujeitos de suas próprias histórias. Pois:

ao buscar a vida e a história, e ao falar dos enredos da vida, que emergem nas palavras, nos gestos, nos silêncios, nas expressões corporais, nos tons da face e outras expressões presentes na entrevista, os sujeitos vão se vendo, revendo e se reconhecendo. (TEIXEIRA e PRAXEDES 2006, p. 163).

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa foram selecionados nos arquivos do colégio, nas fichas onde constam as informações com os nomes dos alunos(as) que iniciaram seus estudos no antigo Ginásioⁱⁱ e que concluíram o antigo segundo grauⁱⁱⁱ até o ano de 1989. Uma outra forma adotada para realizar a busca por esses egressos(as) foi através das comunidades de relacionamentos. Até o momento não definimos o quantitativo de sujeitos a ser entrevistados. Possivelmente, esta definição será determinada a partir das afirmações relatadas pelos mesmos durante as entrevistas. Pois, de acordo com Bertaux (1980), o critério da saturação pode ser utilizado quando após um determinado número de entrevistas o pesquisador tiver a impressão de que não há mais nada de novo a descobrir.^{iv}

O processo de universalização dos sistemas de ensino: uma abordagem histórica sobre a educação para as massas

Para alguns autores, o processo de universalização da instituição escolar está relacionado à aspirações por melhores condições de vida, tal fenômeno tem início no século XVIII, fortalecendo-se no XIX^v, quando foram criados os sistemas públicos de ensino com o objetivo de oportunizar educação escolar para aqueles que não dispunham de condições para pagar. Nesse período, a educação era privilégio das camadas mais elevadas da sociedade e a escola passou a ser vista como:

[...] uma instituição que legitimava posições de direção do mundo político/cultural/econômico e parecia garantir àqueles que a frequentavam e conseguiam cumprir suas etapas posteriores, distância das misérias do trabalho braçal. Por isso, a escola povoava o imaginário das classes populares enquanto um instrumento de ascensão e prestígio social (BARROSO FILHO, 2000, p. 12).

Nessa perspectiva, a escola passou a vista de outra forma, ou seja,

[..] a escola era propagandeada como o único caminho possível de ascensão social para os “desprovidos de fortuna”; e a escolarização compulsória de

toda a população poderia produzir uma melhoria nas condições de existência das camadas populares (BARROSO FILHO, 1998, p. 159).

Em contrapartida, havia certo receio no tocante à escolarização das camadas populares. Pois, ao mesmo tempo em que se pensava em expandir o acesso à escola, nutria-se uma crença de que tal processo não acontecesse de forma demasiada, mas suficiente:

O bastante para que aprendessem a respeitar a ordem social, mas não tanto que pudessem questioná-la. O suficiente para que conhecessem a justificação de seu lugar nesta vida, mas não ao ponto de despertar neles expectativas que lhes fizessem desejar o que não estavam chamados a desfrutar (ENGUITA, 1989, p. 112).

Projetava-se sobre a educação escolar universal uma forma de vencer as desigualdades sociais, o que na visão de Sacristán era um erro, pois “as desigualdades sociais se originam fora das escolas” (SACRISTÁN, 2001, p. 65). Ainda de acordo com o referido autor, o processo de escolarização é apenas uma das formas para percorrer os caminhos da igualdade, na direção de um desejado nivelamento das estruturas sociais. Mas, considerando os princípios da meritocracia, poderíamos questionar até que ponto a universalização da escola pública contribuiu para nivelar ou diminuir as diferenças sociais.

Todavia, esse valor compreende a educação escolar enquanto projeto de ascensão social e, esse aspecto nos remete a duas questões fundamentais: a primeira delas está relacionada à essência da escola e a outra, aos valores atribuídos historicamente à educação. Pois, para muitos, a escola tornou-se um referencial - talvez o único - para sair das situações de pobreza. Como afirma Gomes:

[..] não é estranho que se ela qualifica, credencia, filtra, socializa, ela também possa ser um agente promovedor de mobilidade social e, conseqüentemente, da possibilidade de correção das desigualdades sociais produzidas pela ordem econômica. (GOMES 1982, p. 44).

Diante dessas possibilidades colocadas sobre a educação escolar, outro aspecto coloca em evidência a problemática quanto aos questionamentos referentes a instituição pública, agora universalizada, propondo-se a receber todos, sem distinção. O grande problema está atrelado à qualidade do ensino ofertado pela instituição pública,

comprovados através dos sistemas de avaliação, divulgados e classificados pela mídia como ineficientes.

O cenário educacional dos anos 80

Contextualizar os anos 80 implica na compreensão de um momento histórico de profundas transformações sociais e econômicas pelas quais, passou o Brasil e o estado de Pernambuco. Numa década extremamente significativa para a história nacional, pois do ponto vista econômico passamos do período do “milagre econômico” para uma década de grande recessão econômica. Nesse período segundo Rodrigues,

O arrocho salarial e a constante alta do custo de vida levaram os trabalhadores a perder o poder aquisitivo e ao rebaixamento do nível da vida. O acesso à moradia e mesmo a uma boa alimentação foram dificultados. O consumo tornou-se, gradativamente, privilégio de uma minoria situada nos estratos mais altos da escala social. (RODRIGUES, 1994, P. 40):

De acordo com Rostoldo (2004) durante os anos 1980, apesar da diminuição percentual no indicador internacional de analfabetismo, o Brasil ainda apresentava um agravamento da realidade. Isto, no que se refere aos padrões de desenvolvimento social, que revelavam um expressivo grau de desigualdade social^{vi}.

Em contrapartida, temos ainda nesse período grandes movimentos de conquistas democráticas articulados pela sociedade civil, pela constituição dos sindicatos, partidos e movimentos sociais que proporcionaram “o surgimento de uma maior pluralidade ideológica, a emergência de novos atores políticos e a expressão articulada de novas demandas sociais” (ROSTOLDO, 2004, p. 200).

Essa demanda por sua vez, refletiu significativamente no processo de desenvolvimento do país. E, a educação, certamente foi posta enquanto elemento que interessava a maioria da população brasileira.

Nessa perspectiva, lutar pela educação popular significava lutar pela escolaridade obrigatória, universalizada em escolas públicas^{vii}. Nesse sentido, dentro de uma lógica até então desenvolvimentista, fazia-se necessária a expansão de uma escola pública que atendesse também as classes trabalhadoras.

Pois, no Brasil contemporâneo, o processo de universalização do ensino, tal como em outros países que nos serviram de modelo, estava associado à possibilidade de

“ascensão política” em que não interessava alfabetizar apenas as crianças, mas, principalmente, os adultos, para que tivessem - através do direito de voto - participação nas decisões políticas do país. Esse projeto de aperfeiçoamento da democracia surgia ligado à ideia de que a generalização da educação escolar era fator decisivo para alcançar os países “desenvolvidos”, cujas economias estavam fundadas no uso intensivo da ciência e da tecnologia. Sobre essa questão Paiva nos diz que:

[...] caberia à educação um papel importante no processo de modernização; a expansão e democratização da educação seria necessária a esse processo. Numa sociedade que se moderniza (que oferece maiores oportunidades de emprego e ascensão social) a educação teria um valor funcional como agente de mobilidade social; a ela caberia possibilitar aos componentes da sociedade a reinterpretação dos padrões culturais vigentes e a formação de uma mentalidade consciente e responsável, com vistas à participação política e ao uso dos benefícios econômicos da modernização. (PAIVA, 1983, p. 288).

Portanto, é a partir desse contexto, que pretendemos compreender como a educação se comportou diante de tantas mudanças. Ou seja, diante de um cenário de grandes dificuldades financeiras, remediadas por pacotes econômicos como o plano cruzado que representou naquele período “a esperança de que tudo poderia melhorar” (RODRIGUES, 1994, p. 46). Contudo, a reprodução das desigualdades sociais e a falta de escolaridade mínima continuava sendo um dos grandes problemas da sociedade brasileira.

O Ginásio Pernambucano

Considerado uma das escolas mais antigas do Brasil, o Ginásio Pernambucano tem parte de sua história contada pelo professores Olívio montenegro^{viii} e Geraldo Barroso Filho^{ix}. Criado em 1825, o Ginásio Pernambucano recebeu o nome de Liceu Provincial de Pernambuco e funcionava nas dependências do Convento do Carmo. Instalou-se em diversos locais da cidade do Recife, dentre eles na Rua Gervásio Pires; no prédio da Alfândega; na Rua do Hospício e na Rua da Aurora.

O Ginásio Pernambucano foi considerado durante muito tempo “uma escola pública imperial, espaço de uma tradição pedagógica presente na memória de várias gerações de pernambucanos como o símbolo mais acabado de ensino público de qualidade” (BARROSO FILHO, 2008, p. 14). Ou seja, uma instituição que legitimava

uma tradição pedagógica considerada, por muitos, como inquestionável e objeto de aspiração das classes populares.

Até meados dos anos 60 do século XX, o Ginásio ainda era considerado uma das mais importantes instituições de ensino de Pernambuco. Ao final dos anos 70 e início da década de 1980, a instituição começa a vivenciar uma crise e um dos principais fatores para esse fenômeno é denominado “invasão das multidões”^x que, de acordo com os projetos de difusão da oferta de ensino e a abertura da escola pública para as classes populares, acabou por desvalorizar a forma como o ensino era ministrado, ou seja, a massificação da escola pública foi um fator determinante para o declínio dessa instituição. Em contrapartida, ainda foi possível encontrar no discurso de ex-alunos(as) entrevistados (as) até o momento, um sentimento de orgulho por ter frequentado o Ginásio nesse período.

Numa entrevista realizada com uma das egressas indagamos sobre a importância de ter sido aluna do Ginásio na década de 1980 e em sua fala constatamos o seguinte: *Era o melhor da rede pública e o mais famoso, pois muitos entravam na faculdade depois que faziam o segundo grau lá.*

Neste discurso, percebemos o simbolismo da instituição ainda presente. E, a esperança de atingir um patamar de escolaridade superior através do acesso, permanecia arraigado no pensamento de alguns egressos. Em outra entrevista observamos que a ação de frequentar a instituição não tivesse, talvez, o mesmo significado que estudar em outras escolas estaduais naquele período. De acordo com relatos de outro entrevistado quando indagamos o que significou ter estudado no Ginásio, ele responde: *Tudo! Para mim estudar, no GP era um sonho que se tornou realidade: escola grande, respeitada[..].*

Observamos nas entrelinhas desses discursos que, nas aspirações desses alunos oriundos de classes populares estava depositada a esperança de um futuro melhor; ou seja, coube à escola, nesse sentido, o papel de assumir e cumprir garantias de melhores condições de vida a todos que por ela passassem.

Algumas considerações

Como a pesquisa ainda está em fase de apropriação e análise dos discursos apresentados, não anteciparemos aqui as conclusões sobre o estudo em questão.

Todavia, ressaltamos a importância de resconstruir através dos relatos de memória o significado de uma instituição que representou o objeto de aspiração mais desejado pelas classes populares da sociedade pernambucana. Para isso, tomaremos como pressupostos as condições de vida proporcionadas a esses alunos (as) por suas famílias, além do contexto social e cultural predominante durante os anos 80.

NOTAS DE FIM

ⁱ Sobre esse assunto, ver Barroso 2008.

ⁱⁱ Considerando o currículo baseado em anos, atualmente corresponde ao 6º ano do ensino fundamental II.

ⁱⁱⁱ Atual ensino médio.

^{iv} Sobre esta questão ver BERTAUX, D. 1980.

^v Sobre o processo de universalização ver SACRISTÁN, 2001.

^{vi} Sobre essa questão ver ROSTOLDO, Jadir Peçanha. *Desenvolvimento humano ou crescimento econômico? os anos 1980 no Brasil*. **Saeculum - REVISTA DE HISTÓRIA**, João Pessoa, p. 186-200, ago/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/>>. Acesso em: 08 maio 2009.

^{vii} Ver Paiva, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1983.

^{viii} MONTENEGRO, Olívio. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.

^{ix} BARROSO FILHO, Geraldo. **Memórias escolares do Recife: o Ginásio Pernambucano nos anos 50**. Recife: Livro Rápido, 2008.

^x Ver BARROSO FILHO, Geraldo. **Memórias escolares do Recife: o Ginásio Pernambucano nos anos 50**. Recife: Livro Rápido, 2008.

Referências

BARROSO FILHO, Geraldo. **Formando individualidades condutoras: o Ginásio Pernambucano dos anos 50**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

_____. **A Escola, hoje: Desafios e Perspectivas**.

Universalização da Escola Pública: do “para quê?” ao “quanto?”. Contexto & Educação. Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 7-20. Jul. / Set. 2000.

_____. **Memórias escolares do Recife: o Ginásio Pernambucano nos anos 50**. Recife: Livro Rápido, 2008.

BERTAUX, D. **L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités**. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. LXIX. Paris: PUF, 1980.

ENGUITA, Fernandes Mariano. **A face oculta da escola educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Celma Borges. **Representação da escola por trabalhadores da cidade de Salvador**; REVISTA ANDE n.º. 5 / 1982, São Paulo.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U.1998. MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

-
- MONTENEGRO, Olívio. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.
- PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1983.
- RODRIGUES, Marly. **A década de 80. Brasil: quando a multidão voltou às praças**. São Paulo: Ática, 1994.
- ROSTOLDO, Jadir Peçanha. **Desenvolvimento humano ou crescimento econômico? Os anos 1980 no Brasil**. Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA, João Pessoa, p. 186-200, ago/dez. 2004.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TEIXEIRA, Inês; PRAXEDES, Vanda. In: Viscardi, Cláudia M. R. **História Oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

Fontes diversas:

- COLÉGIO GINÁSIO PERNAMBUCANO. Fichas de requerimento de matrículas. Recife, 1980.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. O Ginásio Pernambucano. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?Publicationcode=16&pagecode=304&textcode=673&date=currentdate>>. Acesso em: 08 de maio 2009.
- <<http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/>>. Acesso em: 08 maio 2009.